REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 6, n. 1, Edição Especial. 2020.
Missões

CARTA AOS POLONESES: A IDENTIDADE POLONESA PRESENTE NAS PUBLICAÇÕES JORNALÍSTICAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

LETTERS TO POLES: THE POLISH IDENTITY PRESENT IN JOURNALISTIC PUBLICATIONS OF THE EARLY 20TH CENTURY

Recebido em 17/04/2020
Aceito em 12/05/2020

Selma Antonia Pszdzimirski Viechnieski[1]

Resumo: Este artigo mostra a intenção nas publicações jornalísticas, voltadas ao público imigrante polonês no início do século XX, na afirmação da questão identitária, fortemente marcada pela religiosidade católica, e como essas publicações influenciaram na constituição da Colônia Amola Faca, hoje município de Virmond, fundada em 1921. A fé católica, a nacionalidade, a polonidade se constituem nos laços que estruturam a identidade da colônia, sendo força de agregação. Assim como os demais grupos étnicos, os poloneses vão delinear uma nova vida, marcada por experiências que vão situar sua própria existência, sua família e seu grupo de pertença. Toda discussão está pautada especialmente no estudo de publicações de jornais do período, traduzidas para este fim, constituindo-se como importante fonte de pesquisa acerca do período.

Palavras chaves: Imigrantes Poloneses; Identidade; Religiosidade; Jornal; Fontes de Pesquisa.

Abstract: This article shows the intention of journalistic publications, focused on the polish immigrants audience on the early 20th century, in affirming the question of identity issue, strongly marked by the catholic belief, and the influence these publications exhibited on the Amola Faca colony constitucion, today Virmond county, founded in 1921. The catholic Faith, the nationality, the polonity are formed in the bonds which structure the colony's identity, being the force of aggregation. Just like the others ethical groups, the poles will outline a new life, marked by experiences that will situate their own existence, their families and their group of belonging. All discusion is especially lined in the study of the newspapers of the time, translated for this porpuse, constituting itself as an importante research source about the period.

Keywords: Polish immigrants; Identity; Religiosity; Newspaper; Search sources.

INTRODUÇÃO

Um conjunto de correspondências publicadas em jornais serviram de base para a construção de "Cartas Polonesas - a identidade polonesa presente nas publicações jornalísticas do início do século XX"**,** um estudo de caso que intenciona tanto observar a questão identitária que compõe a organização religiosa dos imigrantes poloneses na Colônia Amola Faca - Virmond, como também a importância dos meios de comunicação escritos como fonte de pesquisa para este período.

[1] Mestra em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora de História da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná. E-mail: selma_anjodaguarda@yahoo.com.br

A Colônia Amola Faca, Virmond, localizada no Terceiro Planalto Paranaense, nos Campos de Guarapuava, Paraná, instituiu-se no início do século XX, a partir do ano de 1921, no contexto das imigrações europeias e das políticas imigrantistas brasileiras. Colonizada por poloneses que deixaram seu país de origem marcado pelas imposições de nações imperialistas - Prússia, Áustria e Rússia -, os imigrantes integraram o contingente americano, onde buscaram se estabelecer a partir do século XIX. O grupo que integrou a referida colônia, são tanto imigrantes vindos diretamente da Polônia, como reimigrantes, partindo de outras colônias onde haviam se estabelecidos num primeiro momento, indo depois em busca de mais terras e oportunidades.

A fonte de pesquisa em questão constitui-se de publicações contidas em periódicos de idioma polonês, especialmente os jornais *LUD*, *ŚWIT* e *GAZETA POLSKA W BRAZYLII,* a maioria datando a década de 20, sendo correspondências com notícias diversas sobre a Colônia Amola Faca. Através delas pode-se ter acesso a assuntos variados que vão desde propagandas de terra, demonstrando as características da região com o objetivo de atrair os colonos poloneses, até assuntos de ordem econômica, política, religiosa, educacional e social, envolvendo ainda questões corriqueiras. Para este estudo foram selecionadas publicações que enfatizam a questão religiosa. A ligação estabelecida entre as publicações possibilita um maior entendimento sobre a organização religiosa, bem como a formação identitária da Colônia, compreendendo que a religiosidade dos imigrantes não pode ser tratada separada de sua identidade.

A partir do cruzamento das informações contidas nas diversas publicações, na possível intencionalidade do seu conteúdo, entre o fazer da imprensa e a vida social, busca-se compreender elementos constitutivos na formação da identidade polonesa do imigrante na Colônia Amola Faca. Nessas publicações há uma esteira de palavras que, hoje, constituem testemunhos preciosos e, sob alguns aspectos, insubstituíveis para se tentar reconstruir momentos da história da imigração e da colonização dos imigrantes poloneses.

As fontes nos proporcionam ainda uma visão segundo a qual, para além de tratar de política de imigração, estamos tratando de sujeitos ativos em todo processo - os imigrantes -, homens que questionavam, discutiam acerca das condições encontradas, faziam escolhas, buscavam constituir uma unidade identitária.

Na Colônia Amola Faca, a formação identitária se fez presente nos valores culturais e vivências comuns que os imigrantes trouxeram consigo, sendo fortalecida com o apoio da igreja e da escola, importantes instituições para os colonos, tanto que uma de suas primeiras

preocupações, depois de estabelecidos, era a sua construção. A fé católica, a nacionalidade, o desejo de construir uma nova vida com a manutenção da polonidade se constituíram nos laços que estruturaram a identidade da colônia, com traços característicos comuns também em outras colônias polonesas.

Conforme Seyferth (2011, p. 47), identidade e cultura são fenômenos entrelaçados que podem ser observados nos estudos sobre migração e imigração. Neste caso, tratando da religiosidade em uma colônia polonesa, busca-se compreender os fatores que contribuíram para a constituição dessa colônia, relacionados com a influência da fé católica e a força da igreja enquanto instituição.

Os meios de comunicação contribuíam para afirmar a identidade do grupo, evocando a religiosidade e a etnia dos colonos nas publicações: "Junto à estrada que conduz a Foz do Iguaçu será construída uma vila, bem como medido um terreno para a igreja, a escola e a sede da sociedade. (...) Os primeiros colonos poloneses já adquiriram a terra". (Jornal Lud nº 26, 1921, p. 6).

Os veículos impressos voltados para imigrantes objetivavam especialmente estabelecer um canal próprio de comunicação entre os imigrantes que pudesse refletir suas necessidades, informando sobre sua terra natal, prestando serviços como documentação, informações sobre trabalho, venda de terras, bem como garantir a manutenção da identidade cultural do grupo, visto que eram produzidos em línguas vernáculas. Conforme Caparelli (1979, pp.95-96), o jornal teve para os primeiros imigrantes uma função socializadora, levando ao conhecimento de todos os valores estabelecidos e introjetando em cada um a ideologia dominante na época. Com a folha impressa, o imigrante entra em contato com um conjunto de normas, comportamento, ideias e valores organicamente sistematizados (...), contribuindo para a afirmação do grupo.

A imprensa tem papel fundamental na disseminação dos acontecimentos nas colônias, levando notícias acerca de sua organização, da evolução em todos os sentidos, servindo desta forma também como incentivadora para a vinda de mais moradores. Um artigo publicado na revista Polônicus (2012) trata sobre o assunto:

> Gazeta Polska w Brazylii¨ (1892-1939) a ¨Echo Polonii Brazylijskiej¨ (styczeń-luty 2012).
> Mesmo um olhar superficial para a história da imprensa polônica no Brasil leva-nos à conclusão de que ela foi, nesse país, a manifestação de um grande esforço da comunidade polônica, tendo por objetivo a preservação da própria identidade nacional, da mesma forma que foi uma manifestação da vitalidade das suas diversas

> organizações. (http://www.polonicus.com.br/site/biblioteca_interna.php?cod=29, acesso em 03/06/2015).

Um dos meios mais difundidos como propaganda imigrantista foram as cartas, algumas publicadas, muitas não contando exatamente a realidade, trazendo informações sobre as vantagens, sem referir-se aos problemas que os imigrantes enfrentavam ou enfrentariam. A carta a seguir foi publicada em 1922, no Jornal Lud, e assinada por "um colono", como muitas outras não identificando exatamente o autor, podendo ser tanto um colono estabelecido na Colônia Amola Faca, como um dos responsáveis pela colonização, ou ainda o próprio jornal, buscando fomentar a colonização, reunindo o grupo étnico num mesmo espaço, agregando condições para a manutenção da polonidade. Seja como for, constitui-se de um importante meio de propaganda:

> Os colonos têm em média trinta alqueires, mas naturalmente há aqueles que têm cem ou mais. Nenhum colono busca trabalho fora e não deixa seus filhos saírem de casa, o que é a melhor prova de que estão vivendo bem. (...)
> Faltam-nos também artesãos, que poderiam rapidamente fazer fortuna, tais como sapateiro, alfaiate, carroceiro, marceneiro. São também necessários serradores de madeira, porque logo deve surgir aqui uma serraria, mas por enquanto há falta de tábuas. Vai haver aqui também logo um moinho. Por enquanto existem duas vendas. (JORNAL *LUD,* nº 22, p. 6, 1922).

A carta incentiva os imigrantes a se fixarem na referida Colônia, seja como agricultor ou como outro profissional. Na data da carta, 1922, muitos poloneses já se encontram nas terras brasileiras, especialmente na região sul, sendo que muitos deles procuram um lugar com maior disponibilidade de terra e preço bom, visando aumentar sua propriedade e garantir a permanência dos filhos. As colônias constituídas em períodos anteriores, como as da chamada *febre brasileira,* por exemplo, se constituem de propriedades menores, como as organizadas próximas à capital do Paraná, além de estarem com suas terras mais valorizadas monetariamente. Os colonos estabelecidos primeiramente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina passam por necessidades semelhantes, muitos se afastando de colônias étnicas rumo às longínquas matas desses estados. Assim buscar colônias mais afastadas representa comprar mais terras por um valor menor, além de estar junto do grupo de pertença. A publicação do jornal *Swit* incentiva a compra de terras na Colônia Amola Faca, tendo como referência a localização de Guarapuava, local em que está estabelecido o escritório da colonizadora responsável pela negociação das terras.

> (...) Não é preciso acrescentar que o mais desejável seria que os poloneses do Rio Grande e de algumas regiões de Santa Catarina se encaminhassem aos poucos em direção a Guarapuava, que através da estrada construída em Mallet ligará a colonização polonesa com as fortes colônias polonesas em Mallet e Cruz Machado e dessa forma nos estabeleceremos nas margens do Iguaçu − o rio mais importante nos três estados meridionais. (...)
> Quanto a Guarapuava, como se sabe, a terra ali é barata e o colono polonês, se vender a sua terra por exemplo em Ijuí (no Rio Grande), comprará por esse dinheiro uma área muito maior em Guarapuava, e de terra principalmente muito boa (JORNAL *ŚWIT* nº 1 − p. 7, 1921).

As notícias sobre a colônia se espalhavam, fosse por cartas aos parentes e amigos de quem já se encontrava aqui, por viajantes, pela imprensa, em forma de notícias ou propagandas realizadas pela empresa colonizadora.

Ao considerar que meios de comunicação contribuíam para solidificar a identidade do grupo, percebemos a evocação da religiosidade e da etnia dos colonos nas publicações: "Junto à estrada que conduz a Foz do Iguaçu será construída uma vila, bem como medido um terreno para a igreja, a escola e a sede da sociedade. (...) Os primeiros colonos poloneses já adquiriram a terra". (Jornal Lud nº 26, 1921, p. 6).

No mesmo sentido, a publicação de uma carta, que embora não registre o autor, aparece como resposta a uma possível indagação e nos mostra mais sobre a questão:

> Resposta ao Sr. Francisco Kaczorowski
> (...) Alegra-nos porque o Senhor perguntou se a colônia é povoada **apenas por poloneses**. Ecoa dessa pergunta **o desejo de estar junto com outros poloneses, porque então se tornam mais fáceis a igreja e a escola, com a preservação da própria nacionalidade.**
> Podemos assegurar-Lhe que os colonizadores de Amola Faca fazem muita questão de que ali seja criado **um povoado puramente polonês**; é por isso que ali localizam **somente poloneses**.
> A partir do Ano-Novo devia ter sido ali inaugurada uma escola, mas até agora não sabemos se ela já existe. Se até agora a escola não foi aberta, com certeza em breve será aberta, e **certamente também haverá alguém para ensinar às crianças a religião e as orações polonesas**. As pessoas **já estão pensando ali também numa capela**. (...)
> Seria bom se os poloneses que vivem em regiões de mato, **reunidos em poucas famílias ou em meio a outras nacionalidades, se concentrassem em centros maiores**. Aqueles principalmente que, residindo em pequenas colônias polonesas, em algumas famílias, em Santa Catarina ou no Rio Grande do Sul, **não podem manter uma igreja** nem uma escola, nem desenvolver uma propriedade em maior escala, melhor fariam se vendessem com proveito as suas pequenas propriedades e se mudassem para regiões onde já há colônias maiores e onde a terra na região é ainda abundante, ou ainda para as recém-fundadas **colônias puramente polonesas**. Além de Guarapuava há amplos espaços, que podem abrigar muitos milhares de famílias. É para lá também que devem dirigir-se as pessoas em busca de terra, tanto mais porque **é no Paraná que há mais poloneses**. O Paraná é também o estado mais adequado para o estabelecimento definitivo dos poloneses. (Jornal Lud nº 3, 1922, p.3-4). **grifo meu.*

O conteúdo da carta está repleto de afirmações acerca da identidade polonesa e do desejo de sua manutenção, tratando nacionalidade e religiosidade com os mesmos parâmetros. Termos como polonês, igreja e religião, além de escola, repetem-se incisivamente, quase em um caráter apelativo, mostrando-se a todo o momento a importância e as vantagens de o grupo permanecer unido. Alerta-se sobre o "perigo" de permanecer em meio a outras nacionalidades, de não conseguir conservar a fé, e ao mesmo tempo faz propaganda das terras paranaenses.

O assunto "igreja" não aparecia somente nas propagandas, mas se constituía como preocupação real entre os colonos. Logo que se instalaram na Colônia Amola Faca os colonos se reuniam nas casas, fazendo orações, cantando e fortalecendo sua fé, ao mesmo tempo em que transmitiam esses ensinamentos aos filhos. Já por volta de 1922, nos ranchos provisórios, residência dos colonos, era celebrada a missa por um padre que vinha de Guarapuava, mesmo com chuvas, ficando na colônia por três ou quatro dias (PSZDZIMIRSKI, 1988, p. 33).

O padre era sempre muito esperado, e os colonos preocupavam-se em acolhê-lo da melhor maneira possível, especialmente porque suas visitas eram raras. Conferiam-lhe grande autoridade, e sua figura era temida e respeitada, considerado conselheiro espiritual, além de conselheiro em outros assuntos. Visto sua formação e experiência, se recorria a ele para tomada de decisões que afetavam a vida na comunidade e também para resolver pequenos conflitos. Os padres vindos da Polônia não apenas exerciam tarefas decorrentes da sua vocação religiosa, mas também apoiavam os imigrantes, fornecendo, além do consolo espiritual, notável contribuição para que surgissem – além das construções sacras – também as primeiras escolas e bibliotecas.

Entre os poloneses que se estabeleceram no Brasil, poucos possuíam uma instrução média ou superior. A maioria, cerca de 95% da população, era constituída por trabalhadores rurais que não possuíam uma formação escolar mais profunda. Assim os padres representavam uma classe intelectual, desempenhando o papel de líderes das comunidades de imigrantes. (DEMBICZ; KULA, 1996, p. 46). Conforme Wachowicz (1981, p. 93), a paróquia e o padre polonês eram indispensáveis para o camponês (polonês). A igreja era o centro espiritual, mas também o núcleo onde o colono satisfazia as suas necessidades de comunicação com os semelhantes. No Brasil essas necessidades assinalavam-se mais ainda, em razão do isolamento em que lhes coube viver. A igreja, a paróquia e o padre foram por muito tempo, em muitas colônias do Brasil, o único fundamento da unidade entre os colonos. O clero polonês fortalecia

entre os colonos um sentimento de identidade nacional e a memória de suas raízes, importante nesse contexto.

Os poloneses haviam emigrado de um país, onde a identidade nacional havia sido ameaçada pelas potências de ocupação, por isso desde as primeiras décadas de sua permanência no Brasil, os imigrantes fizeram de tudo para preservar sua identidade cultural, mantendo a sua língua e costumes. (DEMBICZ; KULA, 1996, p. 45). Como na Polônia, o instinto de levar uma vida muito próxima à vida paroquial foi mantido. A primeira preocupação dos colonos após se estabelecerem em suas propriedades era construir uma capela ou igreja e buscar um padre que pudesse dar atendimento à população (WACHOVICZ, 1981, p. 45). O tratamento dado à questão era prioridade entre os colonos, como podemos ver na carta publicada, ainda no ano de 1922:

> Vivemos aqui nos confins da civilização, no **último núcleo polonês, o mais distante** de Guarapuava para o oeste.
> A nossa Colônia Amola Faca, chamada oficialmente Colônia Queiroz, situa-se nos matos, entre Cantagalo e Tapera, dois rios que desembocam no Cavernoso.
> **As pessoas também já estão cuidando da igreja**. Em março, numa reunião na vila de Virmond, os colonos escolheram o terreno para a igreja, para a qual − da mesma forma que para a escola − destinou generosamente a terra o Sr. Radecki, e tomaram a decisão de que todo novo colono que vier deve oferecer para a igreja 10 mil-réis, que serão destinados à construção da igreja. Imediatamente também já foram coletados 100 mil-réis, e outro tanto foi reunido depois. Além disso, decidimos contribuir com uma taxa de um mil-réis por alqueire para esse objetivo, de maneira que em breve teremos uma igreja. (Jornal Lud nº 22, 1922, p. 6). **grifo meu.*

No início a carta menciona a localização da Colônia, dando ideia da distância que este grupo polonês está dos demais, configurando uma experiência diferente de grande parte das colonizações polonesas no Paraná, que se organizaram próximas umas das outras, muitas ao redor da capital, facilitando o contato entre os moradores, que podiam se socorrer de acordo com a necessidade. A Colônia Amola Faca localizava-se a 90 km do centro mais próximo, Guarapuava, num tempo em que uma viagem levava dias por entre as matas. Conforme citado por Pszdzimirski (1998, p. 25), uma viagem durava cerca de três dias de ida e três de volta, dependendo da situação da estrada e do tempo, pois quando chovia demorava-se mais. Antes de chegar a Guarapuava era preciso passar por duas balsas, uma no Rio Cavernoso e outra no Rio Coutinho, nas quais geralmente tinha-se que esperar longas filas de carroças. Com todos os entraves às vezes uma viagem poderia levar até quinze dias.

Da capital do Paraná a distância é grande, especialmente levando em consideração as vias de acesso e o transporte da época. Porém conta com a vantagem de disponibilizar extensões

de terra maiores do que nas colônias ao redor da capital. Uma edição do Jornal *Świt*, datada de 1921, ano em que se iniciam os trabalhos de colonização da Colônia Amola Faca, traz um relato feito pelo Cônsul da República da Polônia, Sr. Gluchowski, de uma viagem pelas colônias polonesas. O conteúdo nos dá mostra de sua distância em relação às demais, que também são detalhadas, bem como do caminho a percorrer:

> Guarapuava! Essa palavra simplesmente mágica atrai e seduz com um desconhecido encanto multidões dos nossos colonos, **que sofrem da fome de terra nas antigas colônias**. Guarapuava é a nova terra prometida na imaginação de todos.
> Aproveitando a volta do **Cônsul da República da Polônia, Sr. Gluchowski, de uma longa excursão para além da Serra da Esperança**, a redação do *Świt*, compreendendo que as observações de uma pessoa tão imparcial e séria podem esclarecer em muito a questão de Guarapuava − dirigiu-se ao Sr. Cônsul com o pedido de que queira partilhar as suas observações com os leitores do nosso jornal.
> Eis o que ele diz:
> O Senhor pergunta **por onde e como viajamos**? − perguntou inicialmente ao nosso colaborador o Cônsul. − **Partimos de Ponta Grossa por Conchas, Imbituva e Prudentópolis.** O caminho não é longo: 48 quilômetros não é muito, e com tempo bom, de automóvel, esse trecho pode ser percorrido em algumas horas. Para nós não foi fácil, porque viajamos em tempo chuvoso. Contudo, apesar do mau tempo, pelo caminho se pode observar uma séria animação. **Em ambas as direções se estendem filas de carroças transportando mercadorias de Ponta Grossa a Guarapuava, e dos campos de Guarapuava deslocam-se grandes tropas de gado e de burros**. Além disso, fora dessa estrada principal de **Prudentópolis,** dirige-se também uma parte do movimento de **Guarapuava a Fernandes Pinheiro e Irati**. Agora deve ser aberta uma nova estrada, mais curta, de **Marechal Mallet**. Afora isso, toda Guarapuava já vive sob o signo da estrada de ferro, que deve abrir esse rico território do Paraná.
> **Viajando de Ponta Grossa, a caminho encontram-se em toda a parte poloneses**, que residem nos arredores da própria cidade, depois em **Conchas**, a seguir em **Restinga, até Imbituva**. Já não quero falar da enorme concentração de famílias polonesas que é Prudentópolis − mas até na **Serra da Esperança, em Chaduy**, encontra-se um pequeno grupo de poloneses de cerca de 20 famílias. Do lado da Serra da Esperança eles se aproximam da própria cidade de Guarapuava e nesses matos, tanto pelo caminho de Prudentópolis como pelo caminho de Mallet, do lado da **colônia Cruz Machado**, vão avançando os poloneses. O maior número deles se encontra em **Bananas, do lado de Prudentópolis,** entre eles alguns, como o cidadão Francisco Szulz, de Órleans, pessoas muito abastadas. Na própria Guarapuava a colônia polonesa não é muito numerosa, mas abastada e apresenta-se muito bem.
> Em primeiro lugar, quanto à opulência, apresentam-se por exemplo os senhores Ladislau Kaminski e Karnawski, depois o dono do curtume Sr. Szymanski, a seguir o moleiro Sr. Rzempulski, os senhores Roc e Galecki – fabricantes de carroças, o Sr. S. Kaminski − ferreiro, os senhores Bojdanowicz e Malczewski − carpinteiros e fabricantes de carroças, o Sr. Metynowski − professor, etc. Há pouco tempo, encontra-se em Guarapuava também o **agrimensor Sr. Ladislau Radecki.** É um pequeno grupo, apenas 30 famílias, mas que possui uma Sociedade Polonesa, com uma biblioteca e uma sala de leitura.
> Guarapuava situa-se nos campos. No entanto esses campos são cortados por riachos e ribeiros, ornados de matos e bosques, que com as pequenas elevações das colinas causam uma impressão muito simpática − lembrando a nossa região de Podole. Devem também ser muito férteis em pastagens, melhores que as outras, porquanto se veem neles rebanhos de gado muito bonito, cavalos, burros e ovelhas.
> A própria cidade desenvolve-se lentamente; é difícil fazer construções, porque por perto não há cal, nem mesmo areia, além do que faltam operários, mas causa uma

impressão simpática, e o ritmo da vida, graças à redondeza rica, parece animado. Podem ser vistos muitos automóveis e outros veículos.
(...)
Não me contentando com a visita de Guarapuava e da região vizinha, dirigi-me também para áreas mais distantes. Estive, então, na casa do Sr. Estêvão Kaminski, em São Pedro. O Sr. Kaminski vive no mato como outrora viviam os nossos antepassados, há alguns séculos. Possui cerca de mil alqueires de terra em duas fazendas, e uma grande quantidade de gado bovino e suíno, que ele mesmo não é capaz de contar. Conheci ali a sua simpática família, alguns filhos − tendo à frente o Estanislau, que recentemente acaba de voltar da Polônia, do exército. Um jovem muito enérgico e simpático, que aliás puxou ao pai. Até a primeira fazenda do Sr. Kaminski, em São Pedro − 30 quilômetros, conduz uma estrada carroçável e − depois disso − só a tropa. É preciso viajar a cavalo. Mas é um caminho importante e em breve passará por ali uma estrada de rodagem pelas áreas nas margens dos rios Marrecos e S. Tomás, na margem do qual se situa a outra fazenda do Sr. Kaminski, até **Teresina, pelas colônias polonesas Erval e Ervalzinho**. Por esse caminho avançam também para os matos os nossos colonos das **colônias nas margens do Ivaí**, e também de Prudentópolis. Enquanto estávamos hospedados com o Sr. Kaminski, um certo Sr. Ryzy comprou 136 alqueires de terra. Uma área na realidade acidentada, mas, segundo depoimentos dos nossos colonos, muito fértil. Nessa região, de São Pedro até a 2 milhas de Guarapuava a Morro Grande, residem já cerca de 20 famílias polonesas, e o seu número aumenta dia a dia.
A pedido dos senhores Radecki e Kaminski, fui visitar a fazenda Amola Faca, situada entre os rios Cantagalo, Cavernoso e Tapera, a oeste de Guarapuava, no caminho a Foz do Iguaçu, a 80 quilômetros da cidade. Essa área está situada no início da região de mata e foi escolhida pelo Sr. Radecki para loteamento em lotes de áreas diversas, desde as menores até as maiores, entre os colonos poloneses. Do lado leste a fazenda tem cerca de 20 mil alqueires, de modo que podem ser ali acomodadas algumas centenas de famílias.
A terra da fazenda é apropriada para a plantação, desde arroz e algodão nas áreas baixas, nas margens dos rios, até outras plantas e cereais nas áreas mais elevadas. Além disso, há também florestas de pinheiros e uma grande quantidade de erva-mate, com boas pastagens. O clima é muito saudável. A comunicação − apesar da distância − é boa, visto que, sendo o caminho principal, a estrada é bem conservada.
Os poloneses vão se estabelecendo mais longe ainda, até Laranjeiras, a algumas dezenas de quilômetros, numa região onde o clima se torna cada vez mais quente, ou até a Serra Pitanga, ao norte, onde a comunicação é simplesmente inexistente. Os terrenos em Amola Faca causaram em mim a melhor impressão possível. Parece que os nossos fariam melhor concentrando-se ali em vez de ir para os matos, para a dispersão.
Adiante, para o lado de Foz do Iguaçu, o clima é cada vez pior, com doenças. Essa região já não é para os poloneses.
A impressão geral de toda Guarapuava foi muito simpática. A região é bonita e, de acordo com a opinião dos criadores locais, nos campos poderia ser desenvolvida a criação de ovelhas para a lã, que na Polônia é tão necessária.
A colônia polonesa não é muito numerosa, mas ativa. Subscreveram alguns milhares para o Banco Polonês, e a Sociedade Polonesa agregou-se à organização Cultura.
Guarapuava, um município maior que a Bélgica, com o seu bom clima e a riqueza da sua terra pode transformar-se realmente numa terra onde corre o leite e o mel. Há apenas necessidade de gente e de trabalho (JORNAL *ŚWIT* nº 14, p. 1, 1921, grifo meu).

O relato do cônsul, Sr. Gluchowski, apresenta detalhes de toda região, localizando geograficamente diversas colônias polonesas, bem como as cidades mais centrais, além de

referir-se às vias de acesso, citando, por exemplo, quando é carroçável, quando tem ou não boas condições, etc. Demonstra a movimentação bastante viva entre as colônias e cidades ao entorno. Detalha também as condições do clima, as matas, a fertilidade da terra com referência aos produtos de possível cultivo, dando ciência ainda da existência dos rios. Diagnostica ainda as condições financeiras dos colonos, citando-os como abastados, e também das condições de desenvolvimento das cidades, especialmente Guarapuava, a mais desenvolvida depois de Ponta Grossa, e onde se concentra o comércio, com compra e venda de produtos, serviços profissionais especializados e tudo mais que os colonos possam precisar, constituindo-se em um elo entre as colônias e cidades menores.

Depois faz ainda uma longa referência à Colônia Amola Faca, iniciando por citar o organizador da colonização, o agrimensor Sr. Radecki, localizando-a e determinando seu tamanho, sem deixar de fazer certa propaganda de suas terras, referindo-se à fertilidade do solo, aos produtos que podem ser extraídos da terra, como a erva e o pinheiro, aos produtos que podem ser produzidos, as pastagens, etc. Refere-se ainda à comunicação, também preocupação naquele momento, referindo-se ao fato de tornar-se fácil devido ao fato de estar localizada na estrada principal, que liga a capital do Estado a Foz do Iguaçu.

No final do texto faz ainda uma comparação entre o tamanho de Guarapuava com um país europeu, a Bélgica, informação que serve aos imigrantes e aos que pretendem ainda imigrar. O desfecho vem com a frase "*terra onde corre o leite e o mel"*, referência encontrada na lenda que envolveu o nome do Paraná e da Virgem Maria sobre o destino do povo polonês, que circulou entre os poloneses no auge da imigração brasileira. A referência reforça o convite aos colonos a ingressarem para esta região do Paraná, reafirmando a possibilidade de desenvolvimento "*Há apenas necessidade de gente e de trabalho".* O texto configura-se como sendo um testemunho de um representante oficial da Polônia, e as informações são apresentadas com confiabilidade pelo grupo polonês.

Considerando a localização da Colônia, também pode ser entendida a importância para os colonos de se construir uma igreja, pois esta viria a ser o local de encontro, de apoio. Assim, podemos acompanhar em outra publicação do Jornal *Lud* a constituição de uma comissão dando início aos trabalhos relativos à construção da igreja. Na mesma carta, aparece a escrituração do terreno, pois era comum constar no mapeamento das colônias o terreno destinado à igreja e à escola:

> No dia 5 de junho **constituiu-se finalmente o comitê da igreja**, em cuja composição entraram os seguintes cidadãos: Adão Frydrych − presidente; Francisco Mierzwa − tesoureiro; Casimiro Kochanski − membro da administração; José Rolak − secretário.

> O recém-surgido comitê da construção da igreja em Virmond **recebeu das mãos do Sr. Radecki a escritura da área da igreja**, concluiu acerca do cemitério e confirmou a resolução anterior de que cada uma das famílias novas que chegarem pagará de uma só vez 10$ para a construção da igreja e 1$ por alqueire até a conclusão final da igreja (...). (Jornal Lud nº 59, 1923, p. 2, grifo meu).

Na publicação seguinte temos mais detalhes registrados sobre os primeiros trabalhos relativos à construção de uma igreja, sempre enfatizando a dedicação dos envolvidos. Posteriormente, a mesma correspondência, trazendo exatamente as mesmas informações, porém somente com a primeira assinatura, são publicadas novamente na edição de nº81, 1923, do Jornal *Lud,* mesmo jornal.

> E nós, embora sejamos **apenas um punhado de poloneses**, começamos a trabalhar com dedicação e elegemos um comitê da igreja, em cuja composição entram: presidente − Adão Frydrych, substituto − Casimiro Kochanowski, secretário − José Rolak, tesoureiro − Francisco Mierzwa, fiscais − Casimiro Przepiurski e Miguel Józwiak.
> O comitê deu início à coleta de contribuições para a construção do santuário e, como ainda somos poucos, decidimos que cada morador vai depositar inicialmente 10$ e se taxará em 1$ por alqueire. Como já foram comprados mais de três mil alqueires, esperamos que no ano que vem vamos dispor de uma soma maior e poderemos começar a trabalhar com mais coragem.
> Por enquanto contribuíram com 10$ os seguintes senhores: W. Jasienski, L. Radecki, J. Minski, L. Obadowski, W. Mierzwa, F. Mierzwa, J. Rolak, L. Obadowski Filho, A. Frydrych, M. Lisowski, A. Wasiak, J. Pietrzak, A. Fidryszewski, P. Walicki, W. Miler, J. Jasienski, K. Przepiórski, W. Radlowski, A. Malinowski, S. Dabrowski, P. Palinski, J. Golebiewski, P. Pietrzak, W. Szkolny, J. Grad, H. J. Czerwinski, J. Szychta, J. Warchal, P. Ryzy, J. Telaska, M. Buszkiewicz. Além disso, pagaram o chamado imposto por alqueire: Francisco Mierzwa − 10$, José Rolak − 10$, José Minski − 10$, Adão Frydrych − 20$, Valentim Jasienski − 10$.
> Como o começo é difícil para todos, também o trabalho social exige mais tempo. **Primeiramente cercamos o cemitério e colocamos nele um cruzeiro,** e no dia 23 de julho veio o pároco de Guarapuava a Laranjeira, esteve conosco por um dia e estimulou-nos dizendo que voltaria no dia 28 de julho.
> Aconselhou que fizéssemos uma rifa e destinássemos o lucro para a igreja. No dia seguinte, isto é, no domingo, o pároco benzeu o nosso cemitério e foram vendidas as prendas. Como o tempo estava muito bonito, a solenidade da bênção foi maravilhosa. A rifa, apesar do tempo curto, deu-nos um bom resultado porque nos proporcionou o lucro líquido de 264$500.
> Pela sua disposição e pelos bons conselhos agradecemos cordialmente ao pároco de Guarapuava e lhe enviamos o tradicional "Deus lhe pague". E quanto à escola, já anunciamos nos jornais no ano passado e agora acrescentamos que a sua construção já foi iniciada. **Agora vamos nos dedicar diligentemente ao trabalho, porque queremos ter uma paróquia e um padre permanente em nossa colônia**, visto que temos condições para isso. Pelo comitê: Adão Frydrych, Miguel Józwiak (Jornal *Lud* nº 71, 1923, p. 3, grifo meu).

Quando o padre vinha à Colônia, depois das missas aproveitava para fazer visitas nas casas, orando com a família e abençoando-a, assim como a casa e às vezes os animais. Se algum familiar não estava presente, uma peça de roupa sua era benzida, de forma a estender a bênção

a todos os componentes da família. Posteriormente, quando o padre se estabeleceu na Colônia, a prática de realizar visitas aos domingos permaneceu, especialmente aos doentes, que se sentiam reconfortados.

A religiosidade estava presente em todos os momentos, tendo especial importância nos nascimentos, nos casamentos e nas mortes. Como os padres demoravam para vir à Colônia, sua presença era marcada pelos batizados, tendo este rito mais significado para os colonos do que o próprio registro civil.

Os padres aproveitavam as viagens visitando todas as comunidades existentes no caminho. Conforme Pszdzimirski (1998, p. 33), em 13 de outubro de 1923, o Pe. João Gualberto Pogrzeba e outros destinados a fundar a paróquia de Foz do Iguaçu, passando pela Colônia celebraram missas, prepararam algumas crianças para 1ª comunhão e, como estava perto da Páscoa, o padre procurou dar assistência a todos os moradores. Neste ínterim, foi instalado o cemitério, a um quilômetro do local onde seria construída a igreja. Também foi dividido o centro da povoação em lotes, sendo reservadas áreas próprias para a escola e a igreja.

Tanto na área rural como na urbana é comum encontrar a igreja não apenas como uma entidade de culto da celebração católica. Geralmente havia um entorno, com uma comunidade organizada com construções de escolas, áreas de lazer, como salão paroquial, além de entidades assistenciais, como orfanatos, asilos e hospitais. (CAPRI, 2003, p. 49).

Aos poucos a vida na colônia vai se delineando, os colonos vão progredindo em suas propriedades particulares e na vida comunitária. As cartas publicadas em jornais, por diferentes sujeitos envolvidos no processo, ou seja, moradores com diversas ocupações na colônia, permitem-nos uma maior aproximação daquele contexto. A ênfase dada quanto à origem dos colonos continua nas publicações, demonstrando o interesse de informar que se tratava de uma colonização, de uma colonização polonesa, afirmando sempre a identidade.

> Os colonos daqui **são quase todos poloneses**, todos eles sadios de corpo e espírito, que se dedicam ao pesado trabalho de derrubar as matas seculares, **apegados à fé, à língua e aos costumes dos seus antepassados**. (...)
> Anteriormente têm ocorrido desavenças entre os colonos, mas há seis meses, desde que o Sr. Malinowski assumiu a venda, reina a concórdia geral e, graças ao empenho dele, **os colonos não deixam de se esforçar para construir** uma ampla igreja, com uma nave de 20 metros de comprimento por 14 metros de largura, com uma torre de 20 metros de altura. **Uma igrejinha digna dos seus titânicos esforços.**
> O material para a construção já está pronto e em parte armazenado.
> **Tão bravos pais têm também bravos filhos, pois todos eles buscam a cultura e a ela se voltam, como a flor para o sol.** Adolfo Grolle, professor em Virmond. (JORNAL *LUD,* nº84, p. 2, 1926, grifo meu).

As publicações têm como característica marcante a referência à etnia, ao empenho na construção de escolas e igrejas, à laboriosidade do povo, ao notável sucesso das colônias, contribuindo desta forma para o convencimento de outros poloneses a unir-se a eles - poloneses. Uma eficaz propaganda tanto local como no território polonês, onde as propriedades de terra, quando havia para este colono, eram pequenas, de acordo com os moldes europeus.

> A colônia Queiroz e Amola Faca **desenvolve-se com sucesso**. Chega um número cada vez maior de famílias polonesas que compram essas **extensões virgens intocadas, repletas de riquezas naturais**. As terras dos colonos poloneses já se estendem muito além de Mallet-Laranjeiras, ao longo do caminho Guarapuava-Foz do Iguaçu. No total, estabeleceram-se ali já 240 famílias, que **possuem em suas mãos verdadeiras latifúndios na concepção europeia**. Um certo número desses abastados colonos empenha-se diligentemente por uma **escola** e uma **igreja**, o que com satisfação aqui devemos enaltecer. (JORNAL LUD, nº 48, p. 2, 1926, grifo meu).

Ir à missa significava também integrar-se à comunidade, comunicar-se com outras pessoas. Era quando os colonos aproveitavam para efetivarem a troca de conhecimentos, de experiências acerca da organização, do cultivo e do trabalho em geral nas suas propriedades, visando garantir a sobrevivência em um país desconhecido. Por outro lado, a confraternização religiosa representava também uma fuga do cotidiano, distante de seu país de origem e nas adversidades de outro mundo que precisavam construir. (CAPRI, 2003, p. 111).

Em 1927 os trabalhos relativos à construção da igreja finalmente terminam e ela pode ser inaugurada. Podemos perceber a forma como se deram os processos em relação à construção da igreja, as primeiras discussões, a busca por recursos financeiros, o material de construção, as dificuldades encontradas, a solidariedade e o incansável trabalho dos colonos até a benção de inauguração no relato detalhado contido na carta a seguir, escrita no mesmo ano por Henrique Krygier, que era professor e comerciante:

> Peço ao Prezado Senhor Redator que gentilmente publique nas colunas do seu prestigioso jornal o presente **relatório da construção e benção da igreja de Nossa senhora de Czestochowa**, construída com as contribuições dos **colonos poloneses** da Colônia Queiroz.
> Desde o inicio da colonização e da vinda dos **colonos poloneses** a esta localidade, surgiu a ideia de construção de uma casa de Deus. E como se trata de tempos recente, porque os colonos residem aqui a apenas seis anos, tanto **mais é preciso admirar o esforço, o entusiasmo e a generosidade com que procedera à construção do santuário**.
> A piedosa ideia logo começou a assumir um formato real, apesar das dificuldades de toda sorte que se apresentavam, tanto de natureza física como moral. Importa mencionar que as tábuas foram trazidas de Laranjeiras, distante 35 quilometro, o que

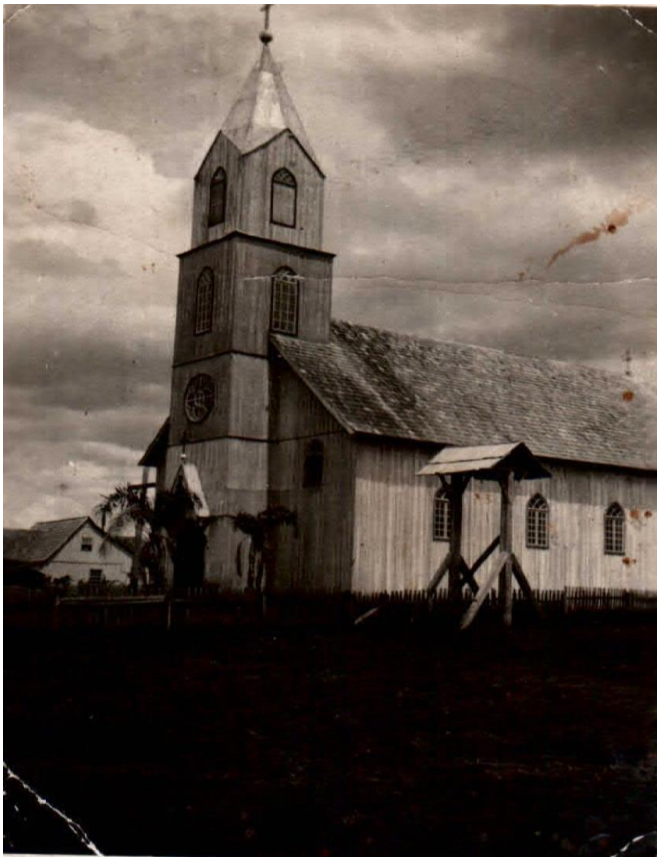
> com o estado lamentável das estradas não foi uma dificuldade qualquer. Outros materiais foram trazidos até de Ponta Grossa. (...)
> Já a partir de março de 1922 foi iniciada coleta de contribuições para a igreja e com esse objetivo foi decidido que cada um contribuiria com uma taxa de 1$ por alqueire, além de uma contribuição na importância de 10$ de cada colono. Como todo começo é difícil, também aqui a questão se defrontou com fortes obstáculos de ordem financeira. As contribuições afluíam ao caixa muito devagar. **Isso não é admirar, porquanto no primeiro ano o colono só foi capaz de construir para si algum rancho, com dificuldade dando conta da própria miséria**. (...)
> Portanto, **graças à generosidade das pessoas de boa vontade,** foi reunida uma importância bastante significativa, de maneira que no início de 1927 foi possível por mãos à obra. Foram trazidas as vigas, os postes e os caibros que já anteriormente haviam sido beneficiados. Em maio deste ano foi trazido de Prudentópolis um mestre carpinteiro, o Sr. Boleslau Szlachetka, que, juntamente com os colonos e os auxiliares por ele trazidos, deu início a armação do esqueleto da igreja.
> O trabalho seguia depressa em frente: foi feita a cobertura com telhas de madeira, foi concluída a torre, foi colocado o piso provisório e foi instalado o altar provisório. O principal método e o reconhecimento cabem aqui ao Sr. João Malinowski, presidente do comitê de construção da igreja. Com efeito, os recursos logo se esgotaram e, se não fosse a sua ajuda financeira, o trabalho não poderia ter sido levado ao fim, isto é, a um estado em que fosse possível proceder à benção da construção.
> **A solenidade da benção da igreja realizou-se no dia 27 de agosto do ano corrente, isto é, no sábado**. **O ato da benção foi realizado pelo pároco de Guarapuava, com a assistência do Pe. Bronny, de Prudentópolis. O pároco pronunciou um sermão em língua polonesa, e o Pe. Bronny fez o mesmo em língua portuguesa,** convocando os numerosos presentes a prosseguir em seu perseverante trabalho.
> Toda a solenidade teve um caráter muito solene, mas aqui ocorreu também um "mas" fatal. Eis que, para abrilhantar o momento, foi convidada de Prudentópolis uma orquestra de sopro, que durante a santa missa devia executar cânticos piedosos, mas verificou-se que esses senhores absolutamente não faziam ideia da música de igreja, portanto durante a missa, bem como durante a benção e a elevação o sino executaram vários tipos de foxtrotes. É de admirar que ninguém dos presentes lhes chamou a atenção dizendo que se encontravam numa igreja, não num cabaré.
> Após a solenidade da benção realizou-se o leilão, mas, em razão da chuva e, por esse motivo, da pequena afluência dos moradores da redondeza, foram vendidos poucos objetos.
> À noite no prédio da Sociedade Educativa e Cultual, realizou-se um baile, no qual, aos acordes dessa mesma orquestra de Prudentópolis (que dessa vez de nada pôde ser censurada), as pessoas se divertiram até o amanhecer.
> No dia seguinte, isto é, no domingo, após a celebração da santa missa, os padres, bem como os convidados, voltaram às suas casas. Ficou apenas o vazio, e somente **o sino lembra todos os dias à obrigação do trabalho.** (...)
> Henrique Krygier, professor de Virmond (JORNAL *LUD,* nº 73, p. 2-3, 1927, grifo meu).

O conteúdo da carta resume os primeiros anos de existência da Colônia Amola Faca em relação aos esforços para a construção da igreja, além de reforçar a preocupação com a religiosidade, mostrando a sua importância inclusive como mantenedora da unidade do povo polonês, que eram católicos dotados de fé milenar, a qual muitas vezes os amparou e delineou seus caminhos. A construção de uma igreja e da vinda de padres com frequência para a colônia era desejo de todos os moradores, e sua instituição poderia significar a vinda de outros imigrantes e consequentemente o desenvolvimento da Colônia. A religião católica consistia-se

em forte elo entre os imigrantes poloneses, significando muitas vezes um alento às dificuldades encontradas, tanto aqui como na Polônia. Embora sejam poucas, o texto traz referência também às dificuldades dos primeiros anos de residência na colônia, "*no primeiro ano o colono só foi capaz de construir para si algum rancho, com dificuldade dando conta da própria miséria"*, denotando outro lado da colonização, diferente das representações discursivas que citam somente a prosperidade, considerando logicamente que o acesso à propriedade de terra era fato.

Ao longo do texto repete-se sobre o trabalho, força de vontade e generosidade dos colonos, repetindo outros textos. Do início ao fim, detalha-se a construção da igreja, desde os materiais utilizados aos envolvidos no processo até o momento da solenidade de inauguração. No desfecho faz uma referência ao sino da igreja, caracterizando o período quando se fazia uso dele não somente para fins religiosos, mas como utilidade pública, servindo, por exemplo, para informar a hora, ou ainda para chamar a atenção a avisos e notícias que eram transmitidos à população do alto da torre.

IMAGEM 01: PRIMEIRA IGREJA DE VIRMOND, CONTRUIDA EM MADEIRA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL DA SRA. TEREZA PALINSKI (falecida em 09/09/2011) – cedida à autora deste trabalho em 1994.

Entre 1927 e 1932, um padre vinha de Guarapuava três vezes ao ano visitar a colônia, procurando estar presente perto da Páscoa, Natal e dia da festa em honra à padroeira Nossa Senhora de Monte Claro (*Czestochowa)*. Nesses dias também se aproveitava para fazer visitas, catequizar, pregar a palavra de Deus e batizar. Os esforços comunitários se voltam então para a construção da casa paroquial, na esperança da vinda de um padre definitivo, conforme as fontes nos mostram:

> Após alguns anos de penoso trabalho na nossa colônia, temos finalmente os **resultados em forma da igreja concluída e da escola conduzida à possível ordem.** Tiveram nisso um grande mérito não apenas os colonos, pela sua generosidade, mas também os próprios membros da diretoria, presidida pelo presidente Sr. Bronislau Szczerbicki, que com o seu incansável trabalho está conduzindo a obra ao seu término. **Atualmente os colonos decidiram construir a casa paroquial**, cujo projeto foi concluído pelo Sr. Szczerbicki e segundo o qual em breve serão iniciados os trabalhos. **Após o seu término, esperamos conseguir um pároco, cuja vinda é indispensável**. (Jornal *Gazeta Polska w Brazylii* nº 20, 1931, p. 6, grifo meu).

> **Apenas nos falta um sacerdote** que aqui resida permanentemente e que nos celebre as devoções, que nos instrua e que ensine às nossas crianças os princípios da nossa fé católica e que aponte o caminho aos objetivos superiores e a Deus. (Jornal *Lud* nº 82, 1929, p. 3, grifo meu).

As fontes datam de 1929 e 1931 e relatam os objetivos comunitários e o processo de realização da obra na casa paroquial. A igreja não dispunha de número suficiente de padres para atender os seus fiéis, não sendo exclusividade do grupo polonês. No dia 10 de outubro de 1932, depois de muita insistência, a colônia recebeu o seu primeiro padre que deveria ser definitivo, Pe. Paulo Schneider, mas que foi embora após curta permanência.

A vida cotidiana dos colonos era ligada à vida na igreja. Para os colonos, a família, a igreja e a escola eram as principais instituições agentes de socialização, a partir das quais a criança formava sua identidade com base nos preceitos da sociedade da época, reproduzindo valores simbólicos e afetivos das normas e das lógicas camponesas. A criança aprendia a viver em um mundo em consonância com a concepção dos adultos, uma vez que a autoridade, a experiência, a sabedoria e a força física conferiam-lhes um poder, cujo exercício era entendido ser um benefício para a própria criança. (NEVES; SILVA, 2008, p. 124). A autoridade do padre e do professor se dava especialmente pela formação cultural, o que lhes agregava muito respeito por parte de todos, exercendo poder de líderes, com atuação nos mais diversos setores.

No ano de 1966 comemorava-se o I Milênio Cristão do Povo Polonês.[2] Para comemorar, a diretoria da Paróquia Nossa Senhora de Monte Claro, dirigida então pelo Pe. Antonio Gallo (italiano) organizou uma comissão, cujo objetivo seria a construção de uma nova igreja, agora em alvenaria. Construir uma igreja não era uma tarefa fácil, demandava recursos financeiros e muito desprendimento da população. Em 1967, foi criada a Diocese de Guarapuava, à qual a paróquia de Virmond ficou pertencendo. Assim, em fevereiro deste mesmo ano, o Bispo da Diocese Dom Frederico Hemel, em visita a Virmond, aproveitou a ocasião para dar a benção à pedra fundamental da matriz, que foi concluída em 1969, no dia da festa da padroeira. (PSZDZIMIRSKI, 1998, pp. 35-37).

Em 1973 foi construída a nova casa paroquial de alvenaria. A igreja e a casa paroquial fazem parte das construções mais imponentes na colônia. As pessoas se orgulham delas e têm em alto apreço o pároco pela realização dessa obra. (Jornal *Lud* nº 3.421, 1975, p. 7). Interessante notar que o pároco em questão era de etnia italiana, e pela menção no jornal refere-se ao "alto apreço", o que poderia gerar um certo desconforto no momento da instituição da Colônia, tanto que observamos ainda no parágrafo anterior, a informação relativa a sua origem – italiano - aparece entre parênteses. O "alto apreço" é demonstrado após sua morte, pois o Pe. Antonio Gallo foi sepultado dentro da própria igreja, quebrando-se o piso e fazendo sua lápide logo na entrada.

A imigração provocou fortes mudanças na composição da população brasileira, inclusive ideológicas, culturais, nas relações de trabalho e na economia. Mas entre as consequências mais significativas estão as promovidas no campo religioso, através da vinda do catolicismo praticado principalmente pelos imigrantes italianos, alemães e poloneses, que ocasionaram mudanças nas práticas religiosas atendendo ao projeto romanizador da Igreja Católica brasileira. (CAPRI, 2003, p. 55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes poloneses que vieram para a Colônia Amola Faca – Virmond – objetivavam fugir de um contexto repleto de problemas sociais, econômicos e políticos em seu país de origem. No Brasil e assim na referida colônia, os poloneses encontraram a possibilidade de estabelecer uma nova vida, de realizar o sonho de ser proprietário de terra, de dar

[2] Passaram-se mil anos desde o batismo do Príncipe Mieszko e sua corte, quando a Polônia se tornou oficialmente cristã, e a data - ano de 966 - passou a representar um marco no seu calendário, considerada como fundação da Polônia.

continuidade à sua história, dentro de um clima de liberdade. Para o resultado de sua afirmação na nova pátria, a igreja foi fundamental, tendo inclusive a escola estritamente ligada e influenciada pela igreja. Ambas as instituições contribuíram para garantir a preservação dos costumes e valores. Estando em um país completamente diferente do seu, as diferenças eram amenizadas quando as pessoas estavam reunidas e onde podiam continuar falando seu idioma, fazendo suas festas e orações, tratando dos mesmos assuntos, revivendo as dificuldades e comemorando a esperança de uma vida melhor, de um futuro promissor. Entre seus compatriotas, as diferenças da nova pátria pareciam não importar tanto. Os desafios foram sendo vencidos juntos pela comunidade, alicerçada sempre pela igreja, que fortalecia o vínculo entre os imigrantes reforçando suas tradições, que podiam ser vistas no idioma, na formação do lar e estrutura familiar, na educação dos filhos, na forma de trabalhar a terra, no companheirismo e solidariedade demonstrada entre os vizinhos, no lazer, na busca por organizar a vida social.

A própria política de imigração colaborou para essas permanências, pois, ao se fundar um núcleo de imigrantes em locais retirados, longe dos centros desenvolvido, em meio à floresta, como foi o caso desta colônia, acabava contribuindo para a pouca comunicação entre os diferentes grupos que formam a nação. Conforme Seyferth (2011, p.5), nas primeiras décadas, a maior parte dos imigrantes, e mesmo os da segunda geração, tiveram pouco ou nenhum convívio com a sociedade nacional, e isso teve reflexos na formação comunitária étnica, especialmente quanto à ideia mais geral de aquele lugar constituir seu novo lar.

Os meios de comunicação escritos contribuíram significativamente na organização de Colônias como a Amola Faca, servindo aos objetivos dos agentes envolvidos no que diz respeito a imigração, incentivando a organização de colônias, o ajuntamento de imigrantes e assim a manutenção da identidade polonesa. Hoje esses impressos são importantes aliados na construção histórica dessas populações, servindo-nos como fonte de pesquisa.

FONTES

Jornal Gazeta Polska w Brazylii, Curitiba. Diversas Edições.
Jornal LUD, Curitiba – Diversas Edições.
Jornal *Świt* nº 1 − p. 7, 1921.

REFERÊNCIAS

CAPARELLI, Sérgio. Identificação social e controle ideológico na imprensa dos imigrantes alemães. **Comunicação & Sociedade.** São Bernardo do Campo: Cortez & Moraes /Metodista, ano I, n.1, 1979.

CAPRI, Elizabeth Johansen. **De Católicos Poloneses a Ponta-Grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945**. Curitiba. 2003. 205 f. Dissertação. UFPR. Curitiba, 2003.

DEMBICZ, Andrzej.; KULA, Marcin. Relações entre a Polônia e Brasil – Passado e Presente**.** Cap. **Os Poloneses em sua História**. KIENIEWCZ, Jan. CESLA. WARSZAWA. 1996.

MALCZEWSKI Zdzislaw SChr. A imprensa da comunidade polônica brasileira. **POLONICUS: revista de reflexão Brasil-Polônia..** Disponível em: http://www.polonicus.com.br/site/biblioteca_interna.php?cod=29. Acesso em 03/06/2015

NEVES, Delma Pessanha, SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Processo de constituição e reprodução do campesinato do Brasil: Formas de tuteladas de condição camponesa.** Volume I. Ed. UNESP, 2008.

PSZDZIMIRSKI, Selma. **Virmond - Colonização e Desenvolvimento**. CESLA - Centro de Estudos Latino-Americanos Universidade de Varsóvia. 1998.

SEYFERTH, Giralda. **A dimensão cultural da imigração**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 26 N° 77 Vol. 26 n° 77 Outubro /2011. Disponível em: <http://www.scielo.br> . Acesso em 14/01/2013.

WACHOWICZ, Ruy Christovan. **O Camponês Polonês no Brasil.** Curitiba, 1981.